

Os biotipos na mecânica social

(Continuação)

Todos estes fenómenos se manifestam no campo da arte, como do pensamento, como na vida política e social. A sua acção no campo da arte e do pensamento foi já esboçada noutros artigos; pelo momento circunscrevemos-nos ao campo político. É manifesto, porém que a vida histórica resulta duma movimentação conjunta, e que esta divisão, como sempre, é em parte artificial; justifica-se, no entanto, este isolamento, porque nos momentos críticos toda a movimentação toma uma definição acentuada social. O elemento que, em tais períodos, se torna independente do complexo, transmitindo-se ao futuro, é apenas, como o temos acentuado, a totalização da experiência.

Nestes períodos de decadência, a nota dominante, como dissemos já em outros trabalhos, é a acentuação da mentalidade e do temperamento esquizoide em suas características místicas, patéticas e autísticas. Este facto tende de novo a agrupar os elementos esquizoide contra os cicloides, e a dar assim a nota dominante às classes biológicas.

No declínio dos complexos sociais, as super-estruturas desagregam-se, perdem o seu poder frenador e sistematizador, mas os biotipos libertos persistem em frente aos símbolos históricos tradicionais, e da hiper-diferenciação estabelecida, com todas as suas consequências. Estes símbolos mantêm-se no sistema, porém desprestigiados pelas consequências de um trabalho histórico e de uma elaboração que acumula fatalmente os resultados negativos, corruptores, de toda e qualquer evolução social. As ideologias, que dominam no período áureo, chocam-se contra os resultados negativos, e empalidecem num desprestígio. A consciência humana que atingiu em tal período uma determinada forma de consciencialização, resultante de todo um esforço intelectual, deixa-se de novo invadir pela dúvida, pelo ceticismo, e cai no marasmo. Os cicloides recolhem-se numa espécie de renúncia, fatigados, e vergam sob a pressão dos resultados mecânicos da história, isto é, pela falência relativa do período áureo, que já mais consegue atingir o que a ambição humana lhe exige. Acentua-se, então, o domínio da mentalidade esquizoide, sobretudo nas suas formas autísticas, patéticas, românticas e místicas. A consciência colectiva é invadida por este «pathos», e o racionalismo dissolve-se nas «nuances» confusas de uma mística nevoenta.

Este fenómeno é, ao mesmo tempo, um abandono, uma renúncia autística, e uma reacção contra a consciência do período áureo, uma reacção contra este período em bloco, que se manifesta no campo intelectual, afectivo e moral. E como a estrutura do complexo se mantém—pois que, por hipótese, não é possível o seu renovo—, aumenta o conflito de classes, a tensão entre opressores e oprimidos, e o ódio de pobres contra ricos, e de ricos contra pobres.

Ressurgem, então, ao lado de ideologias novas, todos os símbolos, credos, fórmulas e seitas que o complexo arrasta consigo, todos os «resíduos históricos» que são apresentados tais quais foram, ou renovados, ou restaurados sob designações novas, que lhes dão por vezes as aparências de coisas originais. E o complexo, em oscilações de decadência, vai a pouco e pouco decompondo-se, numa desagregação interior progressiva.

Tais fenómenos verificam-se com facilidade na decadência da Grécia, de Roma, ou do velho Egipto:—e estão-se repetindo, em analogia perfeita, na actual Europa. Constituem assim um verdadeiro sintoma de decadência, que estudaremos mais adiante; por agora, quero apenas frisar o papel que os biotipos desempenham nesta mecânica.

Este papel consiste como vimos, no seguinte: Desagregação das super-estruturas históricas; marasmo da mentalidade cicloide; acentuação da mentalidade esquizoide.

O «Pathos», o Romantismo Esquizoide, a Ideologia sistemática e abstracta, o Formalismo rígido, o fanatismo de sistema, todas as modalidades da mentalidade esquizoide acentuam-se e tomam gradualmente uma forma irritada,

1—Esquizzo de uma teoria

(RESUMO)

Indicando tudo por atingir um estado místico. Estes estados fundem-se numa espécie de grande turbilhão místico, que gira no complexo alastrando como uma espiral, tudo arrastando em certos momentos atrás de si. Outras vezes chocam-se em violento conflito as diferentes modalidades da mentalidade esquizoide, e as místicas opostas, ambas de origem esquizotímica, entram em guerra.

Uma grande parte da crise actual pode ser estudada dentro deste quadro, o que faremos mais adiante; bastar-nos-á citar aqui o conflito do fascismo com o comunismo, do internacionalismo com os nacionalismos, o ressurgimento do «pathos» metafísico, e o pulular de místicas velhas e novas.

Todos estes sintomas esquizoide são por tal forma evidentes, que nos bastará apontá-los de passagem: são de resto análogos aos que se evidenciam em outros períodos de decadência, em Roma e na Grécia, por exemplo, onde existiu igualmente, embora com outro nome, o fascismo, como igualmente o internacionalismo, imperialismo, e outros fenómenos que no fundo representam apenas uma reacção espasmódica, inconsciente, contra a desagregação do complexo histórico. A dissolução deste é sobretudo um fenómeno interno, condicionado pela sua própria vida.

O enfraquecimento deste, a decadência e relaxamento das suas super-estruturas mentais, o obscurecimento da sua consciência, deixa-o infiltrar por influências exógenas, ao mesmo tempo que a sua orgânica, em desagregação, se deixa penetrar por elementos exteriores. Assim sucedeu na Grécia cuja mentalidade a partir do período áureo se dissolve lentamente, fascinada pelo sobrenatural e pelo mistério, ávida de feticismos orientais, sófrega de tudo o que é obscuro e enigmático, assim sucedeu com Roma, que se infiltrou por completo de elementos bárbaros a par e passo que a sua mentalidade foi afrouxando, acabando por eles devorada.

Ora, na Grécia decadente, como em Roma, como na actual Europa, a hegemonia da mentalidade esquizotímica é evidente. Esta hegemonia deve ser considerada, a meu ver, como um dos exponenciais típicos dos sintomas de degenerescência das civilizações, ou dos seus períodos críticos, pois ela aparece igualmente nas grandes convulsões históricas, como a Orisíaca.

O fenómeno, de resto, a partir de um certo momento, alastra no complexo em desagregação, e invade a própria mentalidade cicloide, criando uma nova super-estrutura transitória, nebulosa e confusa, mas que substitui com suas brumas a consciência dos períodos áureos. O cicloide reage, mas os resultados desta reacção não são já integrados no complexo, nem por ele utilizados; são transmitidos à totalização da experiência a qual, como temos dito, nestes períodos se liberta do complexo, transpondo-o e seguindo o seu fluxo na história.

As oscilações políticas fazem-se, em tais épocas, sobretudo entre extremos esquizotímicos, dentro do campo esquizoide: a massa comum ou é arrastada para um destes extremos; ou se divide em dois campos, ou se estagna indecisa no meio do conflito. A Rússia, a Alemanha e a Itália dos tempos actuais são exemplares bem definidos destes fenómenos, como igualmente o Japão, a Espanha e a China; e o reflexo destas ondas em outros países, como a França e a Inglaterra, onde amortecida em resaca moribunda, é um exemplo complementar particularmente interessante. A Europa está dividida hoje, como é sabido, em duas categorias de países, os que estão em «repouso», e os que estão em agitação. A Dinamarca, a Suécia, a Noruega, a Holanda e outros têm, por evolução lenta, atenuado o conflito de classes, graças a uma nivelção acentuada mantêm as suas super-estruturas mentais, e caracterizam-se por um estado de equilíbrio ciclo-esquizotímico. Outros, como a Inglaterra e a França, mantêm-se num estado em parte análogo, mas com uma tensão profunda, um conflito latente de ordem económica. Outros enfim, como a Alemanha, a Itália e a Rússia, estão em plena

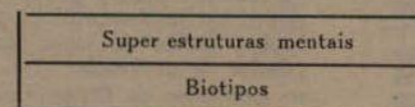
bio-mecânica da historia

por ABEL SALAZAR

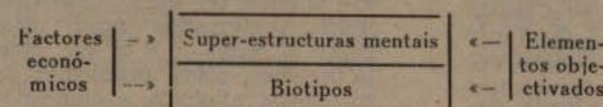
crise esquizoide. Os primeiros tendem para uma decadência sonolenta, para o marasmo; os últimos para uma derrocada, para uma desagregação realizada em grandes oscilações, reproduzindo, nas suas manifestações já visíveis, o quadro de decadência da Grécia e de Roma. A agitação das classes biológicas, é pois, espasmódica nestes sectores. Manifestações autísticas, oposições do Eu ao Real, «pathos» dramático, heroico, imperativos categóricos de sistemas intolerantes, místicos, fanáticos, feroces; «pathos» teatral de paradas, criando uma atmosfera de heroísmo febril em constante tensão; endensamento da raça e divinização do chefe—tudo isto, qualquer que seja a modalidade específica que o conjunto ou o detalhe possa apresentar, é pura explosão de carácter esquizoide colectivo.

//

Se se considera o seguinte sistema:



e se faz sobre ele incidir os factores económicos, e o sistema de elementos objectivados (políticos, sociais, morais, religiosos, etc.):



poderemos, a meu ver, pela movimentação deste sistema dentro do quadro traçado no meu ensaio «Indivíduo e colectividade», desenvolver o mecanismo de evolução de um complexo histórico, desde as suas formas embrionárias até à decadência.

Um desenvolvimento desta teoria será dado num trabalho adequado; por agora quero apenas pôr em relevo o papel que os biotipos desempenham nessa teoria.

Notemos ainda que os biotipos, pela sua existência apenas, já determinam uma sociedade complexa, muito diferente de uma simples soma de individualidades, de uma justa posição de elementos em colónia.

A simples existência de biotipos cria automaticamente uma síntese, por conflito dos biotipos; e esta síntese é precisamente o elemento construtor das super-estruturas. Estas não são, com efeito, constituídas por elementos próprios do biotipo, pois nesses casos não seriam super-estruturas; mas qualquer coisa de diferente, de exterior aos biotipos, pois resulta do seu conflito.

Assim estas super-estruturas têm um valor «objectivo», são exteriores a cada biotipo, e passam desta forma para o ambiente social, para os interstícios do agrupado de biotipos. Uma ideia, uma imagem, qualquer criação que participa de vários biotipos, composta de elementos opostos, uma síntese de duas tendências, que é a integração de várias manifestações intelectuais ou afectivas específicas dos biotipos, adquire assim um carácter objectivo, exterior, social, muito embora se acumule na estratificação das super-estruturas.

Estas representam assim, em cada mentalidade, um elemento comum, objectivo, elemento coordenador e sintetizador do agrupado de biotipos. A super-estrutura sobrepõe-se ao biotipo, muito embora contida nele, como um elemento exterior, social, objectivo, sobreposto ao interior, individual, subjectivo.

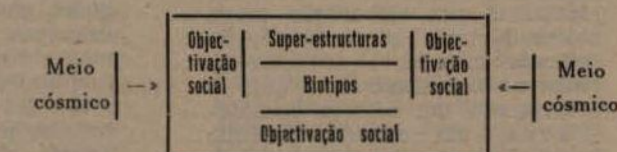
A super-estrutura mental de tipo histórico e social é um fenómeno que resulta imediatamente, como se vê, da existência de biotipos diferentes.

Deriva assim, em última análise, de um facto biológico casualidade que está na origem deste facto conduzir-nos-la

um problema que é ainda hoje de análise impossível embora primordial, a separação dos seres humanos em tipos. A discussão deste facto não cabe neste trabalho:—temos apenas de constatar o facto, e tirar dele todas as suas consequências.

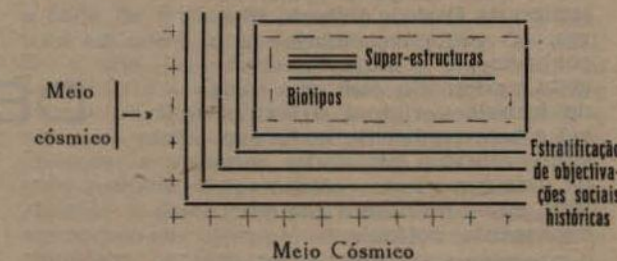
No conflito dos biotipos manifestam-se elementos comuns e elementos contrários, pois que biotipos são modalidades de um mesmo tipo fundamental, o tipo humano. Mas os contrastes entre-opostos actuam aqui como o claro escuro sobre o quadro; sem estes contrastes, nenhum dos elementos em oposição conseguiria definir-se, nem por vezes entrar no campo da consciência. O papel constructivo deste facto é evidente, e encontramos-lo na história intelectual do homem, desde a mais elementar movimentação mental, até ao conflito blocal das principais tendências intelectuais colectivas.

Notemos ainda que a par e passo que se vão formando as super-estruturas mentais de carácter histórico, e que se vai realizando a objectivação destas super-estruturas, com todo o seu cortejo de Símbolos e Fórmulas, o conjunto de biotipos não somente começa a ficar sepultado sob a super-estrutura, mas encerrado na sua objectivação exterior. A socialização objectivante deste género, estabelece desta forma entre os homens, e o ambiente cósmico, uma espécie de atmosfera envolvente, num «écran», que passa a exercer uma influência dominante no sistema:



O indivíduo vai assim integrando-se na Colectividade e, proporcionalmente, separando-se da natureza:—e é este movimento que conduz à artificialização progressiva das civilizações. A atmosfera de objectivações sociais vai-se operando por estratificações sucessivas resultantes do trabalho histórico acumulado, e esta estratificação integra cada vez mais o indivíduo no sistema, afastando-o progressivamente da Natureza.

As super-estruturas mentais complicam-se a par e passo que vai espessando-se este ambiente, pois recebe dele por seu turno o reflexo; e assim se vão formando estratificações progressivas nessas super-estruturas, correspondendo ao espessamento do ambiente social objectivo.



Mas, ao mesmo tempo, os processos mecanóides da diferenciação do complexo (diferenciação económica, profissional, etc.), estabelece neste um estado especial que actua sobre o sistema acima figurado. Começa então, para além de um certo ponto, o conflito social, que finda por desagregar as super-estruturas, pondo por assim dizer as potencialidades dos biotipos em liberdade.

O complexo entra então em crise, crise esta que se resolve por uma «evolução», por uma «revolução», ou pela «decadência». A forma de solução da crise depende, a meu ver «do ponto da curva vital do complexo em que ela se manifesta». Assim o Osirismo é uma crise de crescimento, enquanto as crises finais de Grécia e de Roma são crises de decadência; a Revolução Francesa é igualmente uma crise de crescimento. A crise de decadência revela-se na história sob duas formas; ou uma longa letargia, como na China e no Egipto, ou uma rápida desagregação, como na Grécia e em Roma. Em qualquer dos casos a acção conjugada das super-estruturas e dos biotipos aparece-nos como indispensável para a compreensão do fenómeno.